

BREVES EXPLORAÇÕES NUM MAR DE LÍNGUA

Diana Santos

Linguateca, SINTEF ICT

Abstract

Using four different contexts, namely: teaching English to native speakers of Portuguese; teaching Portuguese as a second language; teaching Portuguese to native speakers; and translating between English and Portuguese, I illustrate the use of the combination of monolingual and parallel corpora, trying to emphasize both the advantages of "bathing" in language corpora and the pitfalls or inadequacies of particular corpora for some purposes. The corpora used are CETEMPúblico and COMPARA, and among the subjects touched upon you can find the translation of the adjectives "early" and "late" into Portuguese, how to render the productive "-ada" nominal suffix in English, and the syntactic influence of the English construction "to be supposed to" in contemporary Portuguese.

Keywords: corpus linguistics; empirical linguistics; contrastive studies; language teaching.

Resumo

Neste artigo pretendo ilustrar alguns estudos contrastivos usando simultaneamente um corpo paralelo, o COMPARA e um corpo monolingue, o CETEMPúblico, de forma a demonstrar que estes materiais podem e

| | | | | |
|-------------------------|----------------------|--------------|------------------|-----------------------|
| Ilha do Desterro | Florianópolis | nº 52 | p.127-150 | jan./jun. 2007 |
|-------------------------|----------------------|--------------|------------------|-----------------------|

devem ser complementares. Tentarei propositadamente explorar os limites do que os corpos linguísticos nos podem dar, por razões didácticas. Os assuntos versados são: a sufixação produtiva em português (o caso de *-ada*) e seus equivalentes em inglês; a tradução de adjetivos temporais ingleses sem correspondência com a mesma categoria gramatical em português (o caso de *early* e *late*); alguns adjetivos qualificativos em inglês e suas correspondências imperfeitas (*shrewd*, *ruthless*) e a interferência sintáctica do inglês no português (neste caso europeu), à volta de *suposto*. Palavras-chave: linguística com corpora; linguística experimental; estudos contrastivos; ensino de línguas.

Introdução

Começa a ser vasta a literatura que pretende apresentar os corpos linguísticos como a solução para todos os problemas: basta carregar no botão e a sua dúvida desaparece, com dados que convencem qualquer um.

Ora, penso que todo o proselitismo excessivo é prejudicial. Está na altura de os responsáveis pela criação de corpos, entre os quais me incluo, esclarecerem a situação, demonstrando não só bons exemplos mas também “maus” exemplos, ou seja, ilustrarem casos em que, por razões diversas, os corpos não permitem tirar conclusões – ou pelo menos conclusões definitivas.

Ao contrário de relatar estudos que levam anos a fazer e a amadurecer, tais como os descritos em Santos (2004), tentarei demonstrar a rapidez (pese embora a superficialidade) do que se pode fazer com as ferramentas ao nosso alcance, quer como pistas para trabalhos de mais fôlego, quer para concluir que os recursos em causa não são adequados à resolução cabal desses problemas. Convém assim prevenir o leitor que os casos versados não ilustram um trabalho exaustivo mas tão só preliminar, que, seja como for, espero que resulte motivador. Os assuntos são diversos mas focam áreas de interesse plausível, no meu entender, ancorados em situações concretas.

A mensagem essencial do presente artigo é, contudo, a de que é sempre refrescante um banho de língua, como só os corpos linguísticos podem fornecer. Esta é mais uma achega para suprir a necessidade de

materiais de divulgação e ensino de uso de corpos em português, no seguimento de textos como Santos & Ranchhod (1999); Santos & Sarmento (2002) e os publicados em Tagnin (2003).

Ensino de uma língua e cultura estrangeira

Comecemos pela situação mais natural em que um brasileiro ou português se encontra, a da aprendizagem do inglês como língua estrangeira. Nem sempre é fácil para o professor explicar o que significam – e, consequentemente, como traduzir – alguns conceitos em inglês. Tomemos o caso de *shrewd* e de *ruthless*, tentando indicar como um corpus bilingue pode ajudar nesta aprendizagem.

Um dicionário bilingue inglês-português (DPI), dá-nos as seguintes traduções para estas duas palavras ou conceitos:

shrewd: sensato, perspicaz, sagaz, arguto, vivo, esperto, de raciocínio sólido, judicioso; duro, acerada (dor); contundente (crítica); forte; violento, cortante;

shrewdness: sensatez, sagacidade, perspicácia, argúcia, esperteza.

shrewdly: sensatamente, de maneira perspicaz; sagazmente, judiciosamente

ruthless: implacável, impiedoso, cruel, desumano, sem piedade

ruthlessly: implacavelmente, impiedosamente; cruelmente, desumanamente.

ruthlessness: crueldade, desumanidade, falta de compaixão.

Mas é apenas em contexto, me parece, que se pode desenvolver uma familiaridade com as palavras que permita mais tarde ao aluno empregá-las. Por isso é muito interessante verificar as traduções empregues pelos tradutores, em contexto, usando um corpus paralelo, o COMPARA (Frankenberg-Garcia & Santos, 2003).¹

Começamos por *shrewd*, que é usado em ambas as direcções, e que parece pois ser mais fácil de ensinar. As traduções do original inglês não nos trazem nova informação, além de exemplificar o uso:

| | |
|---|--|
| In this climate, shrewd and sensitive individuals with an instinct for self-preservation looked around for a partner and pair-bonded. | Neste clima, indivíduos espertos e sensíveis com instintos de auto-preservação procuravam um parceiro e juntavam-se. |
| ... my mother would look up, as she heard me return, with her shrewd , anxious, complicit, welcoming expression that awaited me as a little girl when I was released from my first days of school. | ... a minha mãe erguia a vista, ao ouvir-me regressar, com aquela expressão astuta , ansiosa, cúmplice e acolhedora que me esperava em rapariguinha quando voltava a casa no final dos meus primeiros dias de escola. |
| The black woman frowned shrewdly , ... | A negra franziu judiciosamente os olhos, ... |
| Mrs. Penniman had never had a lover, but her brother, who was very shrewd , understood her turn of mind. | Mrs. Penniman nunca tivera um amante, mas o irmão, que era muito perspicaz , compreendeu o seu pensamento. |

Contudo, observar o original português que é transformado em *shrewd* já nos abre os horizontes lexicais:

| | |
|--|---|
| ...; amply padded rural colonels confidently concluded dealings, made transactions, losing, winning, trying to outwit one another, with the cleverness innate to shrewd businessmen, using their own slang, exchanging off-color jokes, but with a general spirit of camaraderie. | ...; volumosos comendadores resolviam negócios, faziam transações perdiam, ganhavam tratavam de embrigar uns aos outros, com muita manha de gente de negócios falando numa gíria só deles trocando chalaças pesadas, mas em plena confiança de amizade. |
| He looked up to Zito, somehow he had shot ahead in know-how and shrewdness . | ..., Zito tinha autoridade sobre ele, de uma certa maneira avançara muito em sabença e sisudez . |
| Zito's self-confidence, his experience, his shrewdness . | A segurança, a experiência, a sabedoria de Zito. |
| 'Dietrich must be an idiot, or else real shrewd . | «Dietrich deve ser um idiota, ou um espertalhão . |
| Despite these repeated absences, Machado continued to be very hard- | Apesar daquelas ausências repetidas, Machado continuava a ser muito |

| | |
|--|--|
| working, stuck to his desk for ten or twelve hours on steamship sailing days — active, shrewd , living entirely for the prosperity of the firm. ... | trabalhador, amarrado à carteira dez e doze horas em dias de paquete, activo, fino , vivendo todo para a prosperidade da firma; |
| ..., then Machado provided the commercial shrewdness , energy, decisiveness, broad ideas, the business flair. | ..., Machado representava a finura comercial, a energia, a decisão, as largas ideias, o faro do negócio. |

Vemos assim que *sisudez*, *sabedoria* e *finura* também foram interpretados pelos tradutores de língua inglesa como *shrewdness*, que é uma palavra com uma prosódia claramente positiva... ainda que *espertalhão* seja conotativamente ambíguo.

Quanto a *ruthless*, é interessante constatar que todos os casos são de original inglês, o que poderá significar que não existe um conceito ou palavra em português que um falante inglês identifique como tradução padronizada² de *ruthless*, e que três tradutores diferentes, dois portugueses e um brasileiro, acharam por bem traduzir o conceito por uma propriedade positiva ou pelo menos não negativa (*infatigável*, *rigorosa*, *indomável*).

| | |
|---|---|
| Then again, Euphoric State had, by a ruthless exploitation of its wealth, built itself up into one of America's major universities, ... | Além disso, a Estadual Eufórica, com a exploração rigorosa de seus recursos, se consolidou como uma das mais importantes universidades dos Estados Unidos, ... |
| His barbed wisecracks sank harmlessly into the protective padding of the new gentle inarticulacy, which had become so fashionable that even his brightest graduate students, ruthless professionals at heart, felt obliged to conform to it, | Os gracejos mordazes caíam inócuos no estofo protector da nova, pasmada e débil maneira de falar, que se tornara moda ao ponto de os alunos mais brilhantes e os profissionais implacáveis se sentirem obrigados a segui-la, ... |
| | Seus comentários cortantes afundavam sem efeito no acolchoado macio da nova falta de articulação que virou moda, |

| | |
|---|---|
| | tanto que os seus estudantes mais inteligentes, profissionais sem escrúpulos , sentiram-se obrigados a adotar a nova atitude, ... |
| He looked pained again; he seemed to miss the mackintosh which the water had ruthlessly deprived him of. | Estava outra vez com ar aflito; parecia sentir a falta da gabardina que o criado lhe tinha tirado sem piedade . |
| Sick animals, for instance, were always ruthlessly dealt with. | Os animais doentes, por exemplo, eram tratados com a maior crueldade . |
| I saw on that ivory face the expression of somber pride, of ruthless power, of craven terror — of an intense and hopeless despair. | No marfim daquele rosto vi uma expressão de orgulho sombrio, indomável poder, de abjecto terror — de um desespero intenso e sem esperança. |
| ... but the way in which he involved others was surely ruthless ? | ..., mas a maneira como ele envolvia outras pessoas era sem dúvida desapiedada . |
| He had ruthlessly abandoned her — that of course was what he had done. | Abandonara-a de forma impiedosa . Começara por ser uma coisa natural. |

Dois comentários nos parecem relevantes: Por um lado, os exemplos de tradução positiva ilustram a conveniência indubitável desta escolha, que demonstra que, mesmo no caso do sentido de uma palavra, há informação que seria enganadora se colocada num dicionário, mas que se pode ler de um corpo. Por outro lado, como o último exemplo prova avassaladoramente, os tradutores nem sempre traduzem (bem). Estar num corpo linguístico não é garantia de qualidade, é preciso sempre julgar os exemplos atestados.

Passando agora a construções gramaticais, estas, obviamente, não se encontram em dicionários bilingües, nem na maior parte do material de consulta que um aluno tem à sua disposição. Assim, considere-se a seguinte questão: Como explicar ou traduzir a construção inglesa *there/it BE no V-ing*? Em oito casos em inglês no COMPARA, cinco traduções tinham escolhido uma formulação mais livre, enquanto que as formas *não há que V, não há maneira (possível) de* foram usadas três vezes:

| | |
|---|--|
| If we'd done that, there's no knowing how long we'd have been at sea. | Se isso tivesse acontecido, então teríamos ficado uma infinidade de tempo no mar. |
| But there is no disguising the fact, ... | Mas não há que disfarçar as realidades: ... |
| There was no thinking to be done. | Não conseguia pensar em nada. |
| ... she saw — and there could be no mistaking it — that the ardour was no longer for her. | ..., viu, sem sombra de dúvida, que esse ardor já não tinha a ver com ela. |
| I've pinned it here, and I've pinned it there, but there's no pleasing it! | Segurei-o com alfinetes, aqui e ali, mas não há maneira de o dispor bem. » |
| Alice felt there was no denying that . | Alice pensou que não havia maneira possível de negar aquilo . |
| ..., as the men were continually intoxicated, and there was no relying upon their continued good-humor or carelessness in regard to himself. | ..., na medida em que os marinheiros se mantinham permanentemente bêbedos, e não podia fiar-se muito no bom humor momentâneo e na indiferença a seu respeito. |
| ...; but there was no arguing about that; the accident had in fact come: it had simply been that security had prevailed. | ... Mas, para quê mais conjecturas? O incidente tinha tido lugar pelo simples facto de ter, acima de tudo, prevalecido a certeza de uma amizade, certeza que adormentava a vigilância. |

Quando o original é português, apenas dois casos são de aplicação directa, outros dois correspondem a uma recriação da situação em forma presumivelmente mais inglesa. O mais interessante, contudo, é a tradução de *não se tira daí*, que em português pode significar “não há maneira de a tirar daí” (a escolha do tradutor), ou “não há maneira de ela sair dali pelo seu próprio pé”, neste caso a interpretação mais provável...

| | |
|---|--|
| I went back to bed, waiting for it to stop, but there was no slowing of the waters on that day or the next, nor even on the third day. | Fui-me deitar de novo, à espera que a chuva passasse, mas o clamor das águas não serenou nesse dia e nem no outro e nem sequer no seguinte. |
|---|--|

| | |
|---|---|
| It's a quirk. There's no getting rid of her. She was hardened to shame a long time ago. | É sestro; não se tira daí; há muito que lhe calejou a vergonha. |
| The tears with which she bathed my hands, her entreaties as she knelt at my feet that I would leave Helena with her — there was no denying it was all sincere. | As lágrimas com que me banhou as mãos, as rogativas que me fez, ajoelhada a meus pés, para que lhe deixasse Helena, não há negar que foi tudo sincero. |
| Listen my girl, there's no knowing these things... | Olha, minha filha, é coisa que não há maneira de saber-se ... |
| ..., there was no telling who was who as the women ran around stark naked and everybody supped from the bottles which Macedo had fetched from the car, ... | ..., com toda a gente misturada, as mulheres correndo nuas, toda a gente bebendo das garrafas que o Matos fora buscar ao carro, ... |

O mais importante é, no entanto, generalizar a partir destes (raros) exemplos. Em minha opinião, esta construção inglesa é uma forma de exprimir generalizações que em português são geralmente expressas no presente do indicativo; nem todos os verbos, além disso, são igualmente aceitáveis com esta construção.

Ensino de português para estrangeiros

Alguns leitores deste artigo encontrar-se-ão, contudo, numa situação mais rara mas não menos fascinante, que é a de ensinar português a adultos com outras línguas maternas. Após passar um estágio introdutório, começará a ser cada vez mais premente a necessidade de apresentar generalizações e filosofar um pouco sobre o espírito da língua, como Vinay & Darbelnet (1977) propõem.

Sufixação em -ada

Uma questão interessante é a sufixação em -ada. Qual o valor (ou valores) do sufixo -ada? Existe algum análogo em inglês? Observando todos os casos de nomes terminados em -ada no CETEMPúblico (Rocha

& Santos, 2000), chegámos a uma primeira classificação geral das funções deste sufixo em português:

1) a de descrever uma instância de uma acção³, dando-lhe portanto um aspecto semelfactivo (uma vez só),

- associando-se a radicais de verbos: *chamada, parada, rodada, cavalgada, queimada, caminhada, escapada, olhada, assentada, largada, pedalada, caçada, jogada, retirada, mijada, cagada, rockalhada*⁴;
- ou a instrumentos ou partes do corpo com os quais se bate directamente: *facada, vassourada, sapatada, bolada, punhalada, chicotada, cotovelada, rabecada, alfinetada, machadada, coronhada, estocada, palmada, cabeçada, pedrada, joelhada, patada, dentada, dedada, fisgada* (?) e mesmo outros de que já se perdeu a etimologia, tais como *estalada, pancada, bofetada, batatada, canelada, carolada*;
- ou a partes do corpo em que pode significar apenas um movimento, por vezes com o sentido de unidade típica: *pernada, braçada, passada*;

2) a de descrever um conjunto, associando-se a radicais de nomes, a que muitas vezes, mas nem sempre, se associa uma conotação depreciativa, com um uso sobretudo coloquial. Descortinamos quatro subgrupos, não necessariamente mutuamente exclusivos

- simples conjunto: *petizada, rapaziada, filharada, boiada, canzoada, carneirada, estudantada, bicharada, bonecada, pretalhada, ciganada, velhada, criançada, passarada, pequenada, canalhada, chavalada, mulherada, soldadada*;
- grande quantidade (que pode ser de uma substância massiva ou líquida): *cházada, jantarada, chuvada, trovoada, fornada*,

goleada, papelada, poeirada, batucada, asneirada, fezada, ramada, sardinhada, cartada, ossada, arcada, saraivada, espetada, pazada, papada, golada, golfada, garfada, colherada, almoçarada, pratada, barrigada, mascarada, fumarada, intrigalhada, baforada e pode ser mesmo grande “quantidade de tempo”: noitada, madrugada, temporada;

- generalização (perdendo o sentido específico): *cabazada, batelada, carrada, ninhada, camada (?), manada;*
- substância ou acontecimento cheio dos nomes de que é formado: *coentrada, guitarrada, tourada, garraiada, feijoada, arrozada, gemada, massada, cocada*

3) a de descrever uma actividade considerada típica de certas pessoas ou animais: *macacada, peixeirada, coboiada, espanholada, americanada, lixeirada, burrada, canalhada, palhaçada;*

4) a de descrever uma quantidade de dinheiro dada regularmente: *mesada, semanada.*

Não pretendemos implicar que todos os substantivos terminados em *-ada* cabem nesta classificação: casos como *pousada* (lugar para pousar) não estão ainda representados.

Como é que os tradutores lidam com estas expressões? Olhando para o COMPARA, é natural que nem todos estes casos lá estejam representados: o tamanho do corpus é um centésimo do CETEMPúblico; e o texto literário, todos nós sabemos – embora não exactamente como – é diferente do jornalístico. Contudo, olhando para os cerca de 200 casos encontrados⁵, algumas estratégias inglesas para lidar com este tipo de palavras puderam ser identificadas:

O sufixo *-ful* em *handful, lungful, spoonful, forkful, mouthfuls* parece ser a tradução mais directa, mas note-se que apenas diz respeito a uma das funções de *-ada*, nomeadamente a quantidade associada a um “instrumento” de medida.

No caso de conjunto de pessoas ou objectos, é por vezes usado usado o plural, como em *the boys*, *the lads*, *the benches*, *the Spaniards*, *the soldiers*; outras vezes são mesmo usados substantivos colectivos como *flock*, *mass* e *crowd*.

Além de formas fixas como *have a look*, *go for a walk* e *make a move*, são empregues várias outras formas derivadas nominais, tais como *round*, *laugh*, *stab*, *bite*, *blow*, *slap*, *pat*, *giggle*, *stroll*, *walk*, *bite*, *burst*, *outburst*, *hunt* e *slice*, demonstrando que existe algum paralelo em inglês (embora não marcado) para exprimir uma acção única.

No entanto, muitas das palavras em *-ada* foram traduzidas usando uma paráfrase verbal, uma estratégia muito comum, assim como é frequente a tradução por um nome sem relação com o “radical”, como em *bullfight*, *herd* ou *row* para *tourada*, *manada* ou *fiada*.

As traduções mais interessantes são aquelas em que o tradutor dá a ideia de uma forma completamente diferente (note-se que *cabeçada* no exemplo seguinte está a ser usada no sentido metafórico, para “grande disparate”):

| | |
|---|--|
| Ela estremeceu, ergueu os olhos magoados para a poeirada de ouro. | She trembled and raised her sad eyes to the cloud of golden dust. |
| Que cabeçada! ... dizia ele agitado. Que formidável cabeçada! ... | «I'm an idiot! » he thought uneasily «a first-class idiot! » |

Tempos progressivos do português

Outra questão, esta já provavelmente mais passível de resposta satisfatória no COMPARA, é a da resposta à seguinte interrogação: Os tempos progressivos do português usam-se como a progressiva inglesa?

A distribuição dos resultados no COMPARA é surpreendente por várias razões, pelo menos à primeira vista: Em primeiro lugar, a tabela 1 expõe uma diferença significativa entre as razões texto original/texto traduzido: *andar* e *estar a* revelam-se muito mais frequentes em texto traduzido, enquanto *ir -ndo* e *estar -ndo* são mais abundantes em texto original. Por outro lado, as formas *estar a* e *estar -ndo*, tradicionalmente

consideradas como tendo o mesmo sentido mas pertencendo a diferentes variantes do português, apresentam um funcionamento contrastivo de veras diferente.

Tabela 1: Progressiva em português

| Forma | Texto original | Texto traduzido |
|-------------------|----------------|-----------------|
| <i>Andar a</i> | 16 | 48 |
| <i>Ir -ndo</i> | 224 | 100 |
| <i>Estar a</i> | 14 | 78 |
| <i>Estar -ndo</i> | 110 | 75 |

Analisando os casos encontrados, a grande maioria dos casos de *andar* usado como aspectualizador é traduzido ou traduz a progressiva inglesa. Apenas sete casos em 64 não correspondem, o que significa que os tradutores do inglês encontram-se muito à vontade para traduzir a progressiva inglesa por *andar* ou *estar*.

Já a forma *ir -ndo* parece mais portuguesa do que inglesa. A informação na tabela 2, assim como os exemplos do corpo, permitem-nos afirmar que esta progressiva portuguesa tem muito pouco em comum com a inglesa (mesmo que generalizemos esta última de forma a também incluir *go -ing*).

Tabela 2: Correspondentes de *ir -ndo* em inglês

| <i>ir -ndo</i> | Total | <i>be -ing</i> | <i>begin/start -ing</i> | <i>go -ing</i> | advérbios |
|----------------|-------|----------------|-------------------------|----------------|-----------|
| original | 247 | 50 | 18 | 17 | 10 |
| traduzido | 109 | 19 | 2 | | |

A gradualidade e o sentido “aos bocadinhos”, “com calma” que esta construção invoca não são aparentemente gramaticalizados em

inglês, que se socorre quer de itens lexicais tais como advérbios – sublinhados nos exemplos abaixo, quer do uso de *begin*, que traz geralmente associada a interpretação “série de ocorrências”.

| | |
|--|--|
| Mas aos poucos as calças dos pequenos Almonds foram ficando mais compridas e os donos começaram a dispersar-se e a instalar-se na vida. | By degrees, however, the little Almonds 'trousers began to lengthen, and the wearers to disperse and settle themselves in life. |
| Isidoro ia falando o que tinha visto. | Isidoro went on saying what he had seen. |
| Vieram as semanas, a ferida foi sarando . | As the weeks went by, the wound began to heal . |
| Mal nos via, o garçom já ia servindo o soro da verdade. | As soon as he saw us, the bartender would start serving the truth serum. |
| ... pouco a pouco o tenente, envolvido, num lençol como um ídolo no seu manto, ia adormecendo , sob a fricção mole das carinhosas mãos da D. Augusta; | ... The lieutenant, wrapped in a sheet like an idol in a cloak, would drift slowly off to sleep beneath the gentle friction of Dona Augusta's loving hands ... |
| Pouco a pouco fui esquecendo o meu episódio fantasmagórico: | Little by little, I began to forget the whole fantastic episode |
| E ia respondendo às perguntas da minha tia, sobre a família toda que ela, nas entrelinhas das suas perguntas, sempre deixava entender que considerava de doidos como o meu tio. | and as well I carried on answering my aunt's questions about my family which, between the lines of her questions, she gave me to understand were in her opinion just as daft as my uncle. |
| Amparando-se aos ferros das camas, passando de uma para outra como uma laçadeira, foi avançando entre os adormecidos. | Supporting himself the metal frames of the beds, passing from one to the other as if along a chain, he slowly advanced between the sleeping bodies. |
| Lavou bem a cara na pia, a angústia aos poucos ia cedendo , ele já se sentia melhor. | He washed his face well in the wash-basin, his distress was gradually subsiding , he felt better already. |

Como sabemos, *ir -ndo* pode ter outro sentido diferente, quando no imperfeito, nomeadamente aquele em que algo quase aconteceu

mas não chegou a acontecer. Esse sentido é, contudo, bastante raro. De facto, só conseguimos encontrar seis exemplos num total de 356. Escolhemos uma boa e uma má tradução para documentar:

| | |
|--|---|
| Passa a corrente na porta, e torna a abri-la para dar passagem aos rapazes, que sem querer ia trancando ali dentro; não parecem interessados em alugar a casa, porque se retiram afobados, sem dizer palavra. | She puts the chain back on the door, then opens it for the youths, whom she was unwittingly about to lock inside; they seem uninterested in renting the house, for they come out hurriedly, without a word. |
| — Porém ia-lhe saindo caro desta vez, acudiu Leonardo-Pataca. | «But it cost him dearly this time,» added Leonardo-Pataca. |

Por outro lado, é interessante apontar que muitas (42) das traduções de *ir-ndo* envolvem, em inglês, uma oração *as* ou *while*, o que pode significar que estas conjunções transmitem de alguma forma a gradualidade. No entanto, chamei a atenção em Santos (1996a; 2004) para que as regras de concordância temporal⁶ não são as mesmas nas duas línguas. Será que a conjunção *enquanto* pede (ou é comum com) esta forma progressiva, enquanto que em inglês a progressiva não é tão bem vista nos correspondentes contextos? É uma hipótese a investigar.

Ensino da própria língua a jovens

Não é só a estrangeiros que é preciso ensinar português. De facto, não é de desprezar o uso dos corpos para ensinar a própria língua e chamar a atenção para alterações que estão a decorrer, quer para as evitar eventualmente, quer para apenas consciencializar os falantes de que a língua é um ente dinâmico que se metamorfoseia aos nossos olhos.

Interessante é a interferência sintáctica do inglês no português europeu. Observe-se a construção inglesa *X is/are supposed to*, que tem vindo a ser transposta para o falar de Portugal na última década. De uma observação rápida no CETEMPúblico encontrámos 1023 casos

de *ser suposto/a/os/as*; vejam-se alguns exemplos que ilustram esta construção em várias secções distintas, da cultura à política e sociedade:

Ext 245 (eco, 94a): Lá dentro, além do que **era suposto** lá estar, havia mais treze papelinhos .

Ext 32819 (pol, 95b): Em causa está o facto de os membros do Conselho terem que apresentar anualmente um relatório que **seria suposto** ser sobre a actuação do Sis, mas que sempre foi feito com base em relatórios prévios dos próprios Serviços de Informações .

Ext 94777 (clt, 96b): Segundo a actriz Myriam Boyer, intérprete do papel imortalizado por Elizabeth Taylor no filme de Mike Nichols, o seu «partenaire» Nils Arestrup levou demasiado à letra as indicações de Albee numa cena em que «**era suposto**» estrangulá-la .

Ext 156994 (opi, 98a): Ela **era suposta** morrer mas o público começou a ter pena e exigiu comutação de pena .

Ext 268929 (clt, 93b): Só que as galerias, e os centros culturais, **são supostos** dar lucro .

Ext 409470 (soc, 97b): Uma apreciação que começa no próprio projecto do curso — «está adequado e conduz à qualificação para que **é suposto** conduzir? ” —, mas que não fica por aí .

Ext 490793 (nd, 95a): Nem **eram supostas** fazê-lo, dada a natureza igualitária e democratizadora do republicanismo (mesmo que a realidade sempre tenha estado longe desta aspiração...)

Ext 679260 (eco, 94b): Com exceção da RAR e do Santander, que **eram supostos** não saber do segundo pacto, mais restrito, todos voltaram a assinar, incluindo Aníbal Oliveira .

Ext 723954 (clt, 94b): Sempre falando nas democracias ocidentais, os escritores **são supostos** concorrer para este desiderato, não propriamente enquanto escritores ou detentores iluminados do saber, mas enquanto cidadãos que exercem os seus direitos políticos nos quadros legais idóneos, nacionais ou supranacionais .

Observando a frequência relativa em 1991 e 1998 (os extremos temporais do CETEMPúblico), e considerando que uma construção *É adjetivo oração infinitiva* é, e, sempre foi, aceitável em português,⁷ embora não necessariamente com o adjetivo *suposto*, interessa indagar a percentagem de casos em que *suposto* aparece dessa forma, contrapondo-os à versão inglesada. A tabela 3 apresenta alguns dados, que não invalidam a hipótese de que a construção em causa vai entrando

na língua, mas que não são suficientes para a corroborar indubitavelmente. De facto, é possível que haja uma inibição (consciente) de usar esta construção entre os jornalistas, que impede que espelhe o falar actual, ou que este seja simplesmente mais comum nas camadas mais jovens e menos consciencializadas linguisticamente.

Tabela 3: Casos de *ser suposto* no CETEMPúblico (anos 1991 e 1998)

| Ano | Ocorrências | sujeito indeterminado | sujeito definido |
|------|-------------|-----------------------|------------------|
| 1991 | 66 | 44 | 22 |
| 1998 | 129 | 77 | 52 |

Uma observação muito interessante – e bem conhecida de quem lida com corpos e está pois habituado a analisar textos reais – é que existem casos vagos entre as duas construções (a antiga, “correcta”, e a nova, “desviante”). Veja-se o seguinte exemplo:

Ext 1133435 (pol, 98b): Aparentemente, a **brevíssima intervenção** de António Guterres nada tinha que ver com o debate em que **era suposto** participar .

Se lermos “em que **ele era suposto** participar”, temos a nova construção, se lermos “em que **era suposto ele** participar” temos a (mais) antiga, equivalente a “supunha-se que ele participava”... É, aliás, esta vagueza, considerada uma propriedade essencial da língua em Santos (1997a), que permite a evolução. Se as categorias fossem matematicamente discretas e estanques, não se poderia explicar a mudança na língua.

Apesar de neste caso estarmos interessados na influência do inglês sobre o português, um corpus paralelo como o COMPARA não é o local apropriado para procurar este tipo de desvios – não só pelo extenso período da língua que abrange, como pelo facto de os escritores e tradutores, ao serem peritos no uso da sua língua, serem por essa razão

dos menos influenciáveis por outras.⁸ De facto, encontra-se apenas uma ocorrência suspeita, e da forma mais tradicional, numa tradução portuguesa de 1995.

| | |
|---|---|
| ... caso fosse suposto eu saber que ela marcara a lição para aquela tarde. | ... in case I was supposed to know that she had arranged to have coaching that afternoon. |
|---|---|

Muito mais instrutivo e interessante, contudo, é observar como é que os originais ingleses contendo essa construção eram e são traduzidos para português, e quando é que o português leva a que um tradutor inglês empregue esta forma. O resumo dos casos encontrados, na tabela 4, mostra, aliás, que nem sempre o valor da construção é expresso em português (casos de “nada”).

Tabela 4: Correspondências de “supposed to”

| Inglês | | “Equivalentes” em português | nada | <i>suposto</i> |
|----------|----|---|------|----------------|
| Original | 32 | <i>dever, poder, ter de, julgar, haver de, esperar, considerar, supor</i> | 5 | 1 |
| Tradução | 19 | <i>dever, dizer-se, querer-se, haver de, chamar-se</i> | 6 | 0 |

Sobre os exemplos, muito haveria a dizer e aprender sobre ambas as línguas. Seleciono aqui apenas alguns assuntos, por falta de espaço e tempo:

Uma conclusão interessante é a de que os modais *poder* e *dever* nem sempre se encontram em oposição, como se pode observar na tradução de originais semelhantes, nos dois primeiros exemplos.

Outra é a identificação de duas construções em português, poucas vezes referidas, mas cujo interesse indiscutível pode ser claramente apontado aqui: *ser para* e *estar para*. Na minha opinião, este par demonstra uma oposição aspectual muito própria do português, a oposição permanente-essencial em contraposição a temporário-

accidental (Santos, 1996b): A primeira construção indica propósito, função; a segunda, algo que está prestes a, que rola em direcção a, próximo. Mas, por razões pragmáticas, quando empregue no passado, indica que esteve próximo mas não chegou a realizar-se.

| | |
|---|---|
| How is one supposed to stem this tide of human misery? | Como devemos lidar com esta onda de miséria humana? Como é que a gente pode pôr um fim a essa maré de miséria humana? |
| What is he supposed to make of that? | Que atitude ele deve tomar diante disso? |
| «It's supposed to give you a lift afterwards. | «É para levantar o moral, a seguir. |
| The marriage was supposed to have taken place on 14th August but.... | O casamento estivera para se realizar a 14 de Agosto, mas ... |
| It's supposed to save paper and typing time,' says Pamela. | — É para poupar papel e tempo — diz Pamela. |

Problemas de tradução

Finalmente, em alguns casos não é tanto o ensino das línguas que está em questão, mas a resolução de problemas de tradução que podem não ser triviais, tal como o caso da não existência de adjetivos correspondentes aos advérbios *tardio* e *cedo* com a mesma amplitude que as palavras inglesas *early* e *late*.

É certo que existe o adjetivo *tardio* assim como, se quisermos ser extremamente abrangentes, podemos mencionar os adjetivos *prematuro*, *adiantado*, *precoce*, *madrugador*, *inovador*... todos com um grão de sentido de *cedo* no seu significado. A realidade da tradução de casos como os exemplificados em baixo não se compadece, contudo, com esta aparente abundância. Na tabela 5, apresento os casos em que *early* e *late* aparecem como adjetivos no COMPARA, assim como algumas traduções ou origens mais frequentes.

Tabela 5: *early* e *late* como adjetivos

| forma | texto | total | adj | correspondências |
|--------------|-----------|-------|-----|--|
| <i>early</i> | original | 92 | 63 | <i>princípio, primórdios, prematuro, começo, antecipado, primeiro, anterior, passado, primária, juvenil, tenra, início, antigo, remoto</i> |
| | traduzido | 84 | 24 | <i>madrugada, primeiro, remota, entardecer, alto, matutina</i> |
| <i>late</i> | original | 107 | 28 | <i>fim, final, atraso, adiantada, tardio, defunto</i> |
| | traduzido | 100 | 22 | <i>defunto, falecido, finado, primeiro, último</i> |

É imediatamente evidente que *early* é muito mais usado como adjetivo em inglês do que *late*, donde a sua tradução causa mais problemas, ou exige mais criatividade. Vejamos alguns exemplos de tradução de inglês para português que demonstram a variedade das opções tomadas:

| | |
|--|---|
| The conductor has apologized over the PA system for its late arrival, ... | O condutor pediu desculpa pelo atraso pelos altifalantes, ... |
| It's not that I can contribute much at this late stage, but ... | Não que possa contribuir grandemente nesta fase tão adiantada , mas ... |
| He (or she) is therefore free to give full attention to the normal interests of late adolescence | Ele ou ela podem assim entregar-se aos prazeres normais do fim da adolescência |
| It was late March, and the willow trees had their yellow-green spring haze about them, ... | Estava-se no final de Março, uma aura primaveril de um verde-amarelado envolvia os salgueiros ... |
| And then Robert came up from the shop at closing time, on one of Lizzie's late days, and found, to his astonished admiration, ... | E depois Robert chegou da loja à hora de fechar, num dos dias em que Lizzie chegava mais tarde , e, para seu grande espanto, deu com ... |
| which isn't quite as impressive as it sounds to a British ear, but pretty good | não é tão importante como soa a um ouvido europeu, mas suficientemente |

| | |
|---|---|
| all the same for a woman in her early thirties. | bom mesmo assim para uma mulher de 30 e poucos anos. |
| My young brother Ken emigrated to Australia in the early seventies, | Meu irmão mais novo, Ken, emigrou para a Austrália no começo dos anos 70, |
| persuading as many people as possible to take early retirement ... | persuadir o maior número possível de pessoas a reformar-se antecipadamente ... |
| The noticeboard distantly reminded Morris of the early work of Robert Rauschenberg: | O painel fazia vagamente lembrar a Morris as primeiras obras de Robert Rauschenberg: |
| but he had discarded this criterion at a very early stage of looking for furnished accommodation in Rummidge. | mas desistira de ser exigente, ao fim de pouco tempo de procurar alojamento mobilado em Remexe. |
| His office began to fill up with people anxious to make his acquaintance for the sake of some anecdote of Charles Boon's early life, | O gabinete começou a encher-se de pessoas ansiosas por o conhecere, por saberem episódios da vida anterior de Charles Boon |
| He was in his early forties, ... | Tinha entrado na década dos quarenta, ... |
| I know not whether it is owing to the tenderness of early associations, | Não sei se será devido à ternura de antigas reminiscências, |

Igualmente interessante é constatar como estes usos adjetivais surgem de português para inglês:

| | |
|--|--|
| He's letting his imagination run riot, or he's had too many late nights. Brain fatigue.) | Este mangas ou sonha em esdrúxulo ou anda a tresnoitar os calendários. |
| ... I tried watching the late news on TV — all the old familiar themes: | ... tentei ver na televisão o último informativo que trazia os temas de sempre: |
| It was late afternoon. | Era à tardinha . |

| | |
|--|--|
| He would get up when it was still dark so that the cattle might graze the early morning mist. | Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo das primeiras horas. |
| I crossed the Bairro Novo; it was peaceful in the early morning | No Bairro Novo que atravessei, havia uma quietude matutina . |
| How I suffered the one year that I spent far from my city, with no hope of an early return... | «Ah, o que eu sofri um ano que passei longe da minha Cidade, sem esperanças de me tornar a envolver nela tão cedo ... |
| That's why our heart-to-heart conversations generally went on into the early hours,... | Por isso as nossas conversas de alma se prolongavam em geral até de manhã : ... |

Enfim, penso que estes exemplos permitem demonstrar que, muito embora frequentemente o sentido e a correspondência padrão (“standard translation”) de algumas palavras ou expressões sejam conhecidos de todos, o uso real das palavras em contexto e a sua passagem para um texto noutra língua, que se quer fluente, é mais complicado do que um não-tradutor poderá ser levado a supor.

Esta, aliás, é uma das motivações para a própria construção de corpos paralelos desde os seus primórdios, assim como, ainda a um nível mais geral, para a existência da própria disciplina de estudos de tradução.

Concluindo, embora os corpos linguísticos não permitam responder a todos os problemas, são uma fonte de ideias e de hipóteses incansável e abundante, desde que se compreendam os limites das perguntas a que eles podem responder. Neste artigo, tentei ilustrar casos práticos em quatro situações distintas: aprendizagem de uma língua estrangeira por falantes de português; ensino de português a estrangeiros e “naturais”, e tradução.

Agradecimento

Este artigo foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, co-financiada pelo POSI, através do projecto POSI/PLP/43931/2001.

Notas

1. Mais rigorosamente, usámos o resultado do COMPARA 5.7, reduzindo as concordâncias manualmente, para diminuir o espaço usado. Além isso, sublinhámos a negrito partes do lado direito da concordância para facilidade de exposição. O negrito do lado esquerdo é produzido pelo próprio COMPARA.
2. "Standard translation", no sentido de Gellerstam (1986).
3. De acordo com a classificação aspectual proposta em Santos (1996a, 1996b), uma acção do tipo OBRA, ou seja, algo que demora tempo.
4. Aqui tem de se imaginar um verbo *rockar*, que, embora não atestado, daria origem a uma instância de fazer rock, provavelmente com pouca qualidade.
5. Visto que o COMPARA (ainda) não é anotado, foi preciso procurar todas as palavras acabadas em *-ada* e seleccionar manualmente as que eram substantivos, por isso restringi a procura a formas que aparecessem pelo menos duas vezes.
6. Em inglês, "sequence of tense rules".
7. Ainda mais idiomática poderá ser a construção *É suposto que...*, contudo é interessante verificar que também essa não é imune à influência em causa, senão veja-se o exemplo:

Ext 583346 (nd, 91b): «The Early Years» inclui temas como «Had me a girl», material inédito, pouco elaborado e até inacabado, que visivelmente não **era suposto que** fosse alguma vez editado, à mistura com primeiras versões não mais sofisticadas de canções que acabariam por vir a ser integradas em «Closing Time», como «Virginia Avenue» e «Ice cream man» .
8. Ainda que um tradutor esteja exposto à outra língua e por vezes se familiarize demais com outras formas de expressão, produzindo pois tradutês (Santos, 1997b), os tradutores estão em geral mais conscientes das diferenças e de como não se deve traduzir uma dada construção gramatical do que outras pessoas que não se apercebem ou não reconhecem a influência.

Referências

- CETEMPúblico. www.linguateca.pt/CETEMPublico/
- COMPARA. www.linguateca.pt/COMPARA/
- DPI. Dicionário de inglês-português. Porto Editora & Priberam. CD/ROM, Versão 1.0 para MS Windows, 1986.
- Frankenberg-Garcia, Ana & Diana Santos. "COMPARA, um corpus português-inglês na Web", *Cadernos de Tradução* 9 (2002/1), volume dedicado a Tradução e Corpora, editado por Stella Tagnin, NUT, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2003, pp. 61-79.
- Gellerstam, Martin. "Translationese in Swedish novels translated from English", in Lars Wollin & Hans Lindquist (eds.), *Translation studies in Scandinavia*, CWK Gleerup, Lund, 1986, pp. 88-95.
- Rocha, Paulo Alexandre & Diana Santos. "CETEMPúblico: Um corpus de grandes dimensões de linguagem jornalística portuguesa", in Maria das Graças Volpe Nunes (ed.), *Actas do V Encontro para o processamento computacional da língua portuguesa escrita e falada (PROPOR'2000)*, Atibaia, São Paulo, Brasil (19 a 22 de Novembro de 2000), pp.131-140.
- Santos, Diana Maria de Sousa Marques Pinto dos. 1996. "Tense and aspect in English and Portuguese: a contrastive semantical study", Tese de doutoramento, Instituto Superior Técnico, Junho de 1996.
- Santos, Diana. "Para uma classificação aspectual portuguesa do português", in Ivo Castro (ed.), *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Braga-Guimarães, 1-3 de Outubro de 1996), pp. 299-315.
- Santos, Diana. "The importance of vagueness in translation: Examples from English to Portuguese", *Romansk Forum* 5 (1997), Junho 1997, pp.43-69. Versão revista em *TradTerm*, Universidade de São Paulo, "A relevância da vagueza para a tradução, ilustrada com exemplos de inglês para português" / "The relevance of vagueness for translation: Examples from English to Portuguese".
- Santos, Diana. "O tradutês na literatura infantil traduzida em Portugal", *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1-3 de Outubro de 1997), pp. 259-274.

Santos, Diana. "The Pluperfect in English and Portuguese: What Translations Patterns Show", in Hilde Hasselgaard & Signe Oksefjell (eds.), *Out of Corpora: Studies in Honour of Stig Johansson*, Amsterdam: Rodopi, pp. 283-299.

Santos, Diana. *Translation-based corpus studies: Contrasting English and Portuguese tense and aspect systems*. Amsterdam/New York, NY: Rodopi, 2004.

Santos, Diana & Elisabete Ranchhod. "Ambientes de processamento de corpora em português: Comparação entre dois sistemas", *Actas do IV Encontro sobre o Processamento Computacional da Língua Portuguesa (Escrita e Falada), PROPOR* (Évora, 20-21 de Setembro 1999), pp. 257-268.

Santos, Diana & Luís Sarmento. "O projecto AC/DC: acesso a corpora / disponibilização de corpora", in Amália Mendes & Tiago Freitas (orgs.), *Actas do XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Porto, 2-4 de Outubro de 2002), APL, 2003, pp. 705-717.

Tagnin, Stella (ed.). *Cadernos de Tradução* 9 (2002/1), volume dedicado a Tradução e Corpora, NUT, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2003.

Vinay, J.-P. & J. Darbelnet. *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais: Méthode de traduction*, Paris: Didier, 1977, Nouvelle édition révue et corrigée [1.a edição: 1958]